

DUARTE, F. B.; VALIAS, T. B. Estruturas causativas morfológicas da língua Zronga. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

## Estruturas causativas morfológicas da língua Zronga

Fábio Bonfim Duarte<sup>1</sup>

Tânia Brittes Ottoni Valias<sup>2</sup>

fbonfim@terra.com.br

taniavalias@hotmail.com

**RESUMO:** O objetivo do presente artigo consiste em descrever as estruturas causativas morfológicas da língua bantu Zronga, falada por aproximadamente 58.000 pessoas em Moçambique. As estruturas causativas estão presentes em todas as línguas e se realizam por diferentes expedientes gramaticais. Elas são definidas como aquelas que possuem dois eventos: um de causa e um de efeito. Os dados foram coletados com dois consultores nativos. Como resultados, atestamos a existência de três tipos de estruturas causativas na língua: (i) a lexical; (ii) a perifrástica; e (iii) a morfológica. Esta última é produtiva com verbos inacusativos, inergativos e transitivos e se realiza pela concatenação ao morfema {-is-}, sempre em posição sufixal à raiz dos verbos. Assumimos, com base nos fundamentos da sintaxe gerativa, que esse morfema ocupa a posição de núcleo de uma projeção funcional *v* rotulada como CauseP, responsável pela leitura causativa da sentença. Ademais, a natureza do verbo, se inacusativo, inergativo ou transitivo, influencia na variação de seu complemento nuclear. Os testes aplicados, com base nos propostos por Pykkänen (2008), demonstraram que verbos inacusativos causativizados selecionam como complemento uma Raiz acategorial  $\sqrt{P}$ , verbos inergativos selecionam um VP sem argumento externo e verbos transitivos selecionam como complemento um  $v^*P$  fásico quando causativizados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bantu; Zronga; Estrutura Argumental; Causativas.

**ABSTRACT:** This article aims to describe the morphological causative structures of the Bantu Zronga language, spoken by approximately 58,000 people in Mozambique. Causative structures are present in all languages and different grammatical devices are used to encode them. They are defined as those that have two events: a causing event and a caused event. Data were collected from two native informants. As a result, we attested the existence of three types of causative structures in Zronga: (i) the lexical causative; (ii) the periphrastic causative; and (iii) the morphological. The latter is productive with unaccusative, unergative and transitive verbs and is the result of the concatenation in the morpheme {-is-}, which is always a verbal suffix. Based on recent assumptions on argument structure, we hypothesize that this morpheme expresses the head of the CauseP projection, which conveys the causative reading of the sentence. Furthermore, the syntactic nature of the verb, that is, whether it is unaccusative, unergative or transitive, influences the size of complement. Using the diagnostics proposed by Pykkänen (2008), the analysis concludes that causativized unaccusatives c-select an acategorial Root  $\sqrt{P}$  as a complement, causativized unergatives c-select a VP without an external argument and causativized transitive verbs c-select a phase  $v^*P$  as its complement.

**KEYWORDS:** Bantu. Zronga. Argument Structure. Causative.

---

<sup>1</sup> Professor titular no Departamento de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. (UFMG).

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

## Introdução

As línguas bantu recobrem grande parte do continente africano. A produtiva morfologia dessa família linguística levanta questões importantes no âmbito da linguística formal. Diversos pesquisadores já se ocuparam de investigar as estruturas causativas de línguas bantu (Good, 2005, Bostoen; Mundeke, 2011, Chebanne, 1996, Câmara, 2014) e demonstraram que essas estruturas variam de acordo com motivações diferentes.

Neste sentido, o objetivo do presente artigo consiste em descrever as estruturas causativas morfológicas da língua Zronga, também conhecida pelo nome de Xizronga. A língua Zronga pertence à família linguística bantu e é classificada como S54 (Guthrie, 1967-71). Possui aproximadamente 58.000 falantes em Moçambique, nas províncias de Maputo e Gaza e na Cidade de Maputo (Siteo; Dimande, 2017, p. 125).

Comrie (1989, p. 166-168) classifica as estruturas causativas em três tipos: (i) causativas analíticas; (ii) causativas lexicais; e (iii) causativas morfológicas. Em Xizronga, conseguimos identificar esses três tipos de construções. Os exemplos<sup>3</sup> entre (1) e (3) a seguir apresentam esses tipos de causativas, respectivamente, de forma que as sentenças em (a) são não-causativas e as em (b) suas contrapartes causativas:

(1) a. João a-tirh-a.

João 3SG-trabalhar-VF.  
'João trabalha'.

b. Maria a-kucetel-a João kuva a-tirh-a.  
Maria 3SG-instigar-VF João que 3G-trabalhar-VF.  
'Maria faz João trabalhar.'  
[lit: Maria instiga João para que trabalhe].

(2) a. nhlampfi yi-f-ile.  
9-peixe 9-morrer-PAST.  
'o peixe morreu'

b. wanuna a-dlay-(i)le nhlampfi.  
homem 3SG-matar-PAST 9.peixe.  
'o homem matou o peixe'.

<sup>3</sup> CAUS – Causativo; CL – Classe nominal; DEM – Demonstrativo; EST – Estativo; GEN – Genitivo; INF – Infinitivo; LOC - Locativo; MA - Marca de aspecto; MN - Marca de negação; MO - Marca de objeto; MS - Marca de sujeito; MT - Marca de tempo; NEG – Negação; NUM – Numeral; PAST – Passado; PL – Plural; POSS – Possessivo; SG – Singular; VF -Vogal final.

Ressalta-se que os números nas glossas dizem respeito aos prefixos das classes nominais da língua, de forma que: 1 {mu-}; 2 {va-} (Plural da classe 1); 3 {mu-}; 4 {mi-} (Plural da classe 3); 5 {dri-}; 6 {ma-} (Plural das classes 5 e 14); 7 {xi-}; 8 {svi-} (Plural da classe 7); 9 {yi-}; 10 {ti-} (Plural das classes 9 e 11); 11 {li-}; 14 {wu-}; 15 {ku-}

- (3) a n'wana a-xav-a pawa.  
 filho 1SG-comprar-VF pão.  
 'o filho compra pão'.
- b. Mina ni-xav-is-a n'wana pawa.  
 eu 1SG-comprar-CAUS-VF filho pão.  
 'eu faço o filho comprar pão'.

Em (1a), há um sujeito agente João, que realiza o evento descrito pelo verbo *kuritha* 'trabalhar'. Por sua vez, há em (1b) duas orações: uma oração que codifica o evento da causação, composta pelo verbo auxiliar causativo *kukucetela* 'instigar', com um sujeito causador Maria (*Causer*); e uma oração subordinada, que codifica o evento causado, que contém a conjunção *kuva* 'que' e o verbo *kutirha* 'trabalhar', o qual possui como sujeito o DP agente João.

Em (2a) temos o verbo *kufa* 'morrer', que tem como sujeito afetado *nhlampfi* 'peixe'. Repare que o exemplo em (2b) é a contraparte causativa dessa sentença, que permite que um elemento causador *wanuna* 'homem' seja introduzido na estrutura. Em outras palavras, a sentença em (2b), que tem a tradução 'o homem matou o peixe', equivale à causativa lexical correspondente de (2a). Nesse sentido, podemos afirmar que a causativização é codificada pela alternância lexical entre morrer/matar.

Com relação às causativas morfológicas, que é o recorte deste estudo, identificamos sentenças em que o verbo se junta ao morfema de extensão<sup>4</sup> causativa {-is-}. No exemplo em (3a), o verbo transitivo *-xava* 'comprar' tem sua grade argumental aumentada ao introduzir um argumento externo agente. Notamos que a leitura causativa apresentada em (3b) não é alcançada por meio de uma variação lexical do verbo, nem por uma oração encaixada com verbo auxiliar causativo, mas sim por meio da causativa morfológica. Assim sendo, a leitura causativa é garantida pela concatenação do morfema {-is-} à raiz verbal. Note-se que, após a concatenação do morfema à raiz verbal, introduz-se um argumento agente à estrutura causativa.

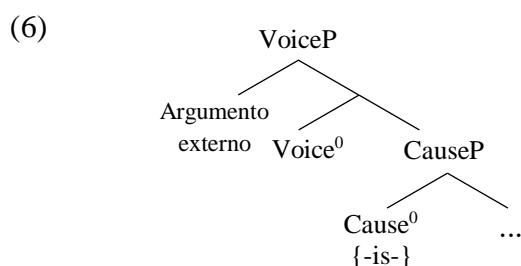
Além de causativas a partir de construções transitivas, foi-nos possível identificar causativas a partir de verbos inacusativos e inergativos, conforme mostram os exemplos (4) e (5) a seguir:

<sup>4</sup> Manteremos no decorrer do artigo o termo 'extensão causativa' em vez de morfema causativo, em virtude de grande parte da literatura técnica sobre as línguas bantu preferir o termo 'extensão' nesse contexto específico.

- (4) a. ma-ti            ma-bil-a.  
       6-água        6-ferver-VF.  
       ‘a água ferve’.
- b. ni-bil-is-a                            ma-ti.  
       1SG-ferver-CAUS-VF                6-água.  
       ‘eu ferveo a água’.
- (5) a. Timeika        a-kin-i.  
       Timeika        3SG-dançar-PAST.  
       ‘Timeika dançou’.
- b. Frederico    a-kin-is-i.                            Timeika.  
       Frederico    3SG-dançar-CAUS-PAST        Timeika.  
       ‘Frederico fez dançar Timeika’.

Observem que as sentenças (4b) e (5b) correspondem a versões causativas de verbos intransitivos inergativos e inacusativos, representados em sua forma não derivada em (4a) e (5a). Esses dados confirmam, portanto, nossa hipótese, conforme a qual é sim possível a causativização de verbos inacusativos e inergativos por meio da concatenação do morfema {-is-} a esses verbos na língua Zronga.

A proposta teórica que pretendemos delinear neste artigo é a de que o morfema {-is-} ocupa a posição de núcleo de uma projeção funcional *v*, rotulada mnemonicamente de CauseP, que introduz a leitura de causação à sentença (Pylkkänen, 2008). Adotaremos também a ideia, conforme a qual a introdução do argumento externo “causador” nessas construções (agente, causa ou instrumento) é realizada por meio do núcleo de uma projeção também funcional *v*, denominada VoiceP (Kratzer, 1996; Legate, 2014), conforme ilustrado a seguir:



Tomando por base o essencial dos testes propostos por Pylkkänen (2008), pretendemos demonstrar que, quando há a concatenação da raiz verbal ao morfema {-is-}, o tamanho do complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> pode variar de acordo com a natureza do verbo, conforme o Quadro 1:

<b>verbo + {-is-}</b>			
	<b>Inacusativo</b>	<b>Inergativo</b>	<b>transitivo</b>
<b>Seleção</b>	√P	VP	v*P (fásico)

**Quadro 1:** Seleções do núcleo de CauseP em Zronga

Nesta análise, procuramos examinar a validade da proposta acima. Nosso objetivo é reunir os dados pertinentes que ajudem nessa análise e promovam uma compreensão mais precisa do fenômeno da causativização morfológica em Zronga. Com essa análise, buscamos atender aos requisitos da adequação explanatória e da adequação descritiva, tal como delineada em Chomsky (1965).

Os dados apresentados ao longo deste artigo foram coletados por questionários e elicitación direta a partir de dois consultores nativos da língua Zronga. Ambos são do gênero masculino e possuem amplo conhecimento gramatical da língua, já que são professores de Xizronga em Moçambique. O primeiro nasceu na cidade de Maputo, o segundo em Boane. Este último adquiriu a língua Zronga como língua nativa antes dos dez anos de idade. Além do Zronga, têm conhecimento do português e de outras línguas moçambicanas.

Nesses questionários, os consultores traduziram sentenças do português para Xizronga, julgaram a gramaticalidade de diversas sentenças já em Xizronga ou ainda escolheram entre opções pré-elaboradas as construções que melhor corresponderam ao contexto fornecido. O objetivo foi o de elicitación dados que apresentam a ocorrência das diversas estruturas causativas na língua Zronga.

O artigo está organizado em cinco seções. Na seção 1, apresenta-se o aporte teórico que embasou a análise. A seção 2 analisa as propriedades das causativas formadas a partir de verbos inacusativos. A seção 3, por sua vez, investiga as seleções que o núcleo Cause<sup>o</sup> efetua em causativas formadas a partir de verbos inergativos. A seção 4 propõe que esse núcleo c-seleciona um *v*P fásico em transitivas causativizadas. Por fim, na seção 5, apresentam-se os principais resultados alcançados durante a pesquisa.

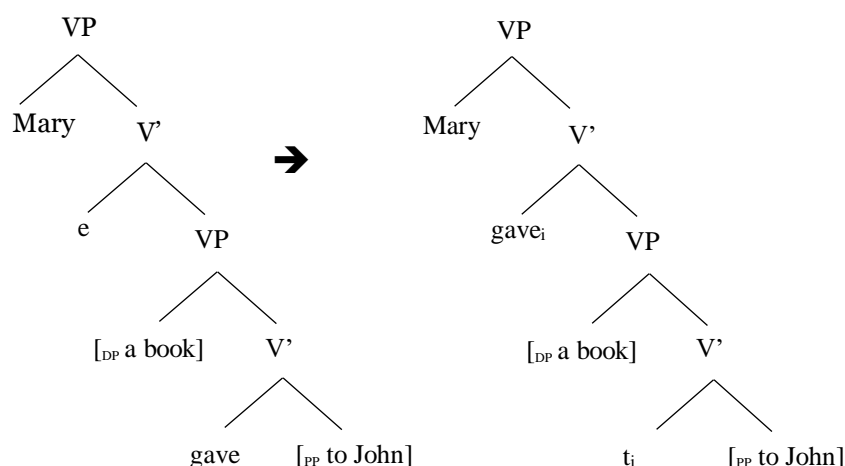
## 1. Aporte teórico

Considerando que verbos transitivos, inacusativos e inergativos podem ser combinados com o morfema causativo {-is-}, o qual representa, em nossa análise, a expressão morfológica do núcleo de CauseP, nesta seção, apresentamos o aporte teórico por meio do qual a análise se sustenta.

Em conformidade com Pykkänen (2008), a causativização é um fenômeno que tem o potencial de modificar a estrutura e o número de argumentos que um verbo projeta, resultando em um verbo causativizado que pode implicar a inclusão de um argumento adicional, interpretado como o agente causador do evento descrito pela raiz verbal.

A partir das discussões iniciadas em torno da Teoria X-barra na década de 1970, particularmente no que diz respeito às orações bitransitivas, foram desenvolvidas as primeiras teorias que propuseram a existência de "conchas verbais". Larson (1988), por exemplo, argumenta que as orações bitransitivas são compostas por duas projeções VP, uma delas sendo nucleada pelo verbo lexical e a outra por uma categoria vazia. O verbo lexical então é movido para a posição de núcleo mais alto, anteriormente ocupada pela categoria vazia, de modo a fornecer a interpretação causativa bivalente. Para tal, compare-se as estruturas sintáticas abstratas a seguir:

(7)



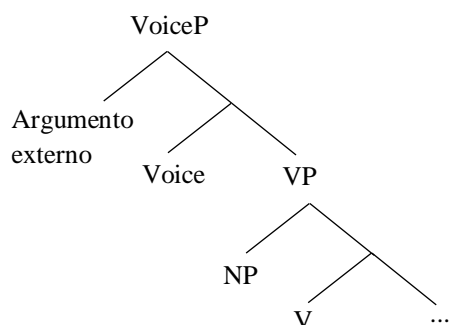
Partindo do conceito de conchas VP e também da pesquisa conduzida por Hale e Keyser (1993), Chomsky (1995) sustenta que não apenas as construções bitransitivas, mas, de modo geral, todas as construções transitivas são compostas por duas projeções distintas: *v*P, uma projeção funcional nucleada por um verbo leve causativo *v*<sup>o</sup>, que

introduz o argumento externo da sentença; e a projeção máxima VP, a qual é encabeçada pelo verbo lexical, cujo complemento é o argumento interno da oração.

A proposta da concha v-VP tem contribuído sobremaneira para a análise de construções causativas, uma vez que o evento da causação dessas estruturas passou a ser mapeado como um núcleo funcional, o qual tem sido rotulado de ‘little v’. Tendo em consideração essas assunções, neste trabalho, adotamos o conceito das projeções funcionais VoiceP e CauseP, conforme proposto por Kratzer (1996) e Pykkänen (2008).

Kratzer (1996, p. 116), por exemplo, esclarece que os chamados argumentos externos não são considerados como verdadeiros argumentos dos verbos, mas sim pertencentes a uma projeção funcional específica. Conforme a autora, esses argumentos não são introduzidos diretamente pelo VP, mas sim de forma composicional pelo predicado através de um núcleo Voice<sup>o</sup>. Assim sendo, a autora identifica o núcleo que introduz o argumento externo como Voice, o qual é projetado acima do predicado, ou seja, acima do VP. A função do núcleo de VoiceP é, portanto, introduzir o argumento externo que exibe propriedades semânticas típicas de um agente. Nesse contexto, ele representa um nível sintático-semântico acima do VP, conforme a estrutura em (8):

(8)



Quando se trata das construções causativas, visto que os verbos causativos aparentemente adicionam um agente causador à sentença, pode-se argumentar que o componente causativo desses verbos seja responsável por inserir um argumento externo à estrutura, aumentando a valência do evento original. Para uma comparação, considere os exemplos a seguir:

- (9) The dog walked.  
‘O cachorro andou’.
- (10) John walked the dog.  
‘John andou o cachorro’.

Nesses exemplos, quando o verbo ‘*walk*’, apresentado em sua forma não-derivada em (9), sofre o processo de cauzativização, conforme exposto em (10), ocorre a introdução do argumento externo John. Contudo, Pylkkänen (2008) destaca que a causativização nem sempre resulta em um aumento do número de argumentos sintáticos do verbo. Para a autora, o que diferencia os verbos causativos de seus equivalentes não-causativos é que as estruturas causativas licenciam um argumento eventivo sintaticamente implícito, que vai além de causar eventos.

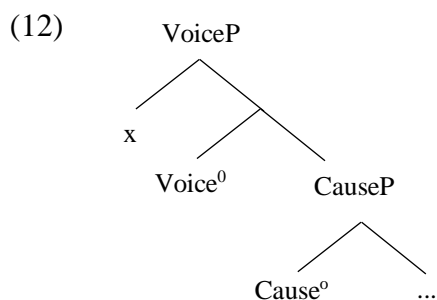
Com base nessa observação, Pylkkänen (2008) propõe a existência de uma projeção funcional, que é o sítio da leitura causativa da sentença, chamada de CauseP. Ressalta também que os agentes causadores não são introduzidos pelo núcleo Cause<sup>o</sup>, mas pela combinação desse núcleo com *Voice*. Ou seja, o núcleo Cause<sup>o</sup> introduz um argumento de evento implícito, e não argumentos sintáticos.

A autora encontra a justificativa para essa proposta com base nos dois tipos de causativas encontradas no Japonês, a saber: causativas lexicais e causativas produtivas. Ambos os tipos de causativas no Japonês são realizadas pelo sufixo {-sase}, porém, as causativas lexicais são associadas a uma interpretação adversativa. Nesse tipo de estrutura, o argumento nominativo é interpretado não com um causador, mas como um argumento afetado pelo evento descrito pelo verbo não causativo, conforme o exemplo em (11):

- (11) Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta.  
Taro-NOM son-ACC die-CAUSE-PAST.  
a. ‘Taro causou que seu filho morresse.’  
b. ‘O filho de Taro morreu em seus braços.’ (causativa adversativa)

A leitura em (11), então comprova a existência de um evento causativo sem nenhum tipo de participante causador relacionado a ele. A estrutura abstrata de uma sentença causativa, conforme delineada em Pylkkänen (2008, p. 99), apresenta a configuração sintática a seguir:





Outro aspecto importante tem a ver com o tamanho do complemento selecionado pelo núcleo Cause<sup>0</sup>. Segundo essa proposta, o complemento de Cause pode ser de três diferentes tipos, a saber:

- (i) Cause<sup>0</sup> pode selecionar uma raiz acategorial ( $\sqrt{\text{V}}$ );
- (ii) Cause<sup>0</sup> pode selecionar VPs que não possuem argumento externo;
- (iii) Cause<sup>0</sup> pode selecionar um v\*P fásico, que contém um argumento externo.

Cada um desses complementos está ilustrado no Quadro 2:

Cause <sup>0</sup> + $\sqrt{\text{V}}$	Cause <sup>0</sup> + VP	Cause <sup>0</sup> + v*P
<pre> graph TD     CauseP --&gt; Cause     CauseP --&gt; sqrtV["√V"]             </pre>	<pre> graph TD     CauseP --&gt; Cause     CauseP --&gt; VP     VP --&gt; V     VP --&gt; sqrtV["√V"]             </pre>	<pre> graph TD     CauseP --&gt; Cause     CauseP --&gt; vstarP[v*P]     vstarP --&gt; ArgExt["Argumento externo"]     vstarP --&gt; VP     VP --&gt; V     VP --&gt; sqrtV["√V"]             </pre>

**Quadro 2.** Complementos no núcleo de CauseP

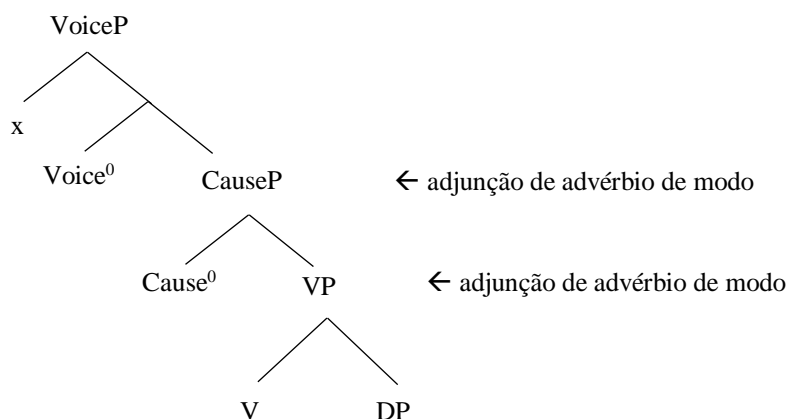
Vale ressaltar que uma fase, para Chomsky (2005, p. 9-10), consiste em um ciclo de computação mínima. Ou seja, são informações que, após transferidas, não são acessadas em estágios subsequentes de derivação, porque as informações que são formadas em cada fase são enviadas separadamente aos componentes fonético e semântico. Pylkkänen (2008, p. 85), por sua vez, denomina fase como os domínios que

possuem um núcleo introdutor de argumento externo, tal como Voice, e que seja capaz de valorar Caso abstrato.

Dois dos quatro testes propostos por Pylkkänen (2008) para atestar os diferentes tipos de seleção de Cause<sup>0</sup> são relevantes para a análise do tamanho do complemento do núcleo Cause<sup>0</sup> do Zronga.

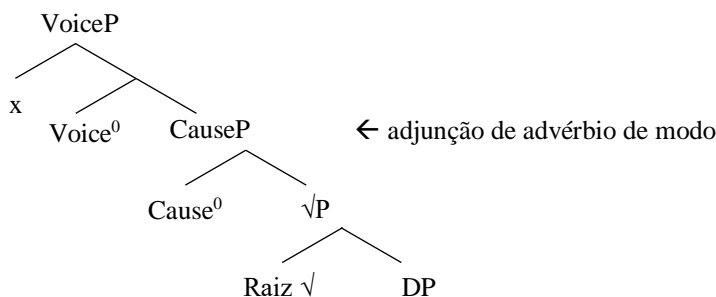
O primeiro teste analisa o escopo de advérbios de modo. Esse teste é eficiente porque os modificadores devem estar, necessariamente, adjungidos a um VP. Dessa maneira, se houver um VP ou um v\*P fásico em uma posição abaixo de CauseP, provavelmente essa sentença será ambígua ou terá escopo baixo, pois serão dois os lugares passíveis de receberem um advérbio de modo, conforme demonstra a estrutura em (13):

(13)

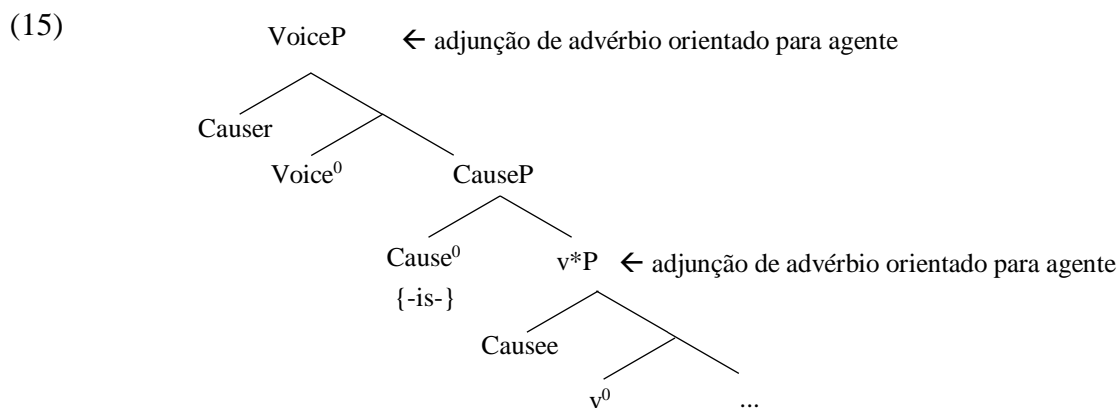


Quando o complemento de CauseP é uma raiz verbal  $\sqrt{P}$ , há apenas uma posição sintática capaz de receber um advérbio de modo e, nesse caso, não haverá ambiguidade, conforme demonstra a estrutura em (14):

(14)



Já os testes com advérbios orientados para agente são relevantes porque, por meio deles, é possível atestar se o núcleo Cause<sup>o</sup> seleciona um v\*P fásico com argumento externo. Quando há duas fases na sentença, a presença de um advérbio orientado para agente gerará uma leitura ambígua, porque são duas as posições sintáticas capazes de receber esses modificadores (Pylkkänen, 2008).



Em suma, os testes propostos sobre o escopo de advérbios são retomados no quadro a seguir:

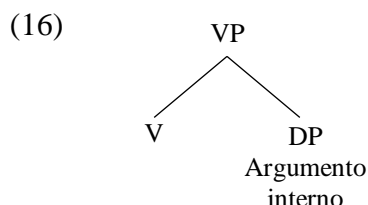
	<b>Cause<sup>o</sup> + Raiz</b>	<b>Cause<sup>o</sup> + VP</b>	<b>Cause<sup>o</sup> + v*P fásico</b>
É possível que o advérbio de modo modifique apenas o evento causado?	Não	Sim	Sim
É possível que o advérbio orientado para agente modifique o causee?	Não	Não	Sim

**Quadro 3.** Testes para verificar o tipo de complemento de Cause<sup>o</sup>

Nas próximas seções, apresentaremos os dados da língua Zronga e buscaremos determinar o tamanho dos complementos com os quais o núcleo causativo se junta durante a derivação sintática das estruturas causativas. Para tal, aplicamos os diagnósticos sintáticos propostos por Pylkkänen (2008), tais como o escopo sintático-semântico de advérbios orientados a agente e a paciente.

## 2. Causativas morfológicas a partir de verbos inacusativos

Verbos inacusativos são aqueles que selecionam como complemento um argumento interno, que pode ter papel temático de tema ou paciente, conforme a estrutura abstrata apresentada em (16):



Realizamos alguns testes com os verbos *kuwa* ‘cair’ e *kunyamalala* ‘desaparecer’ para diagnosticar se esses verbos podem ser causativizados ou não em Xizronga, conforme os exemplos a seguir:

- (17) nhlampfi                      yi-w-ile.  
 9-peixe                              9-cair-PAST.  
 ‘o peixe caiu’.
- (18) wanuna              a-w-is-i                      nhlampfi.  
 homem              3sg-cair-CAUS-PAST      peixe.  
 ‘o homem derrubou o peixe’.
- (19) yi-ndlu              yi-nyamalal-i.  
 9-casa              9-desaparecer-PAST.  
 ‘a casa desapareceu’.
- (20) xidrede                      xi-nyamalal-is-i                      yindlu.  
 7-tempestade              7-desaparecer-CAUS-PAST              9-casa.  
 ‘a tempestade fez desaparecer a casa’.

A sentenças em (18) e (20) são sentenças causativas, contrapartes das sentenças (17) e (19), em que um elemento (*wanuna* ‘homem’ e *xidrede* ‘tempestade’) causa que outro elemento sofra a ação desencadeada pelo verbo (*peixe cair* e *casa desaparecer*). Observa-se que, nesses casos, quando há a adição de um elemento causador na estrutura, a realização morfológica da extensão causativa {-is-} é obrigatória. Isso nos indica que, além da introdução da semântica de causação na sentença, a presença do morfema {-is-} também licencia a introdução de um novo argumento. Note que a

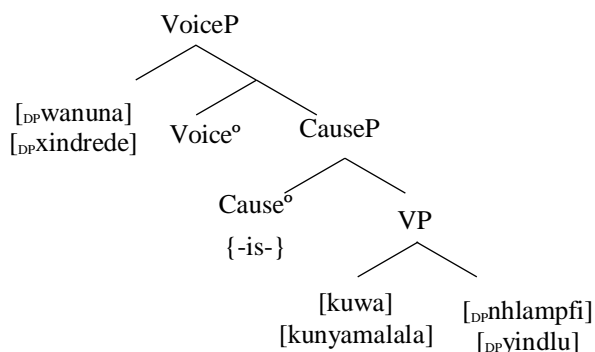
ausência desse morfema torna a sentença agramatical, conforme apontado pelos consultores linguísticos:

(21) \*wanuna a-w-i nhlampfi.  
homem 3SG-cair-PAST 9.peixe.

(22) \*xidredre xi-nyamalal-i yindlu.  
7-tempestade 7-desaparecer-PAST 9-casa.

A princípio, poderíamos postular que a representação abstrata dessas estruturas seria como a formulada em (23), em que o núcleo Cause<sup>o</sup> seleciona um VP.

(23) Estrutura da causativização de verbos inacusativos (a ser reformulada):



Todavia, a partir dos testes realizados com advérbios de modo, notamos que há restrições sintático-semânticas que nos impedem de assumir a proposta em (23). Sendo assim, para delimitar a estrutura sintática do complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> em estruturas causativas a partir de verbos inacusativos, aplicamos os testes de advérbios de modo orientado a VP,

Sabendo que todas as estruturas causativas são compostas por dois eventos (um evento da causação e um evento causado), procuramos averiguar, inicialmente, se há a possibilidade de ocorrer modificação adverbial desses dois eventos separadamente. Por isto, testamos se o advérbio de modo *hi kunana* ‘lentamente’ poderia gerar ambiguidade ou não. De acordo com nossos consultores, o escopo do advérbio é sempre o mesmo, independentemente de sua posição na sentença, não havendo, assim, ambiguidade. A única leitura possível é de que o advérbio modifica o evento da causação – lit.: ‘o homem causou lentamente que o peixe caísse’, o que explica a razão por que o advérbio não pode modificar o DP afetado, conforme mostramos a seguir:

- (24) wanuna a-w-is-i nhlampfi **hi kunana.**  
 homem 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe **lentamente.**  
 ‘o homem [fez LENTAMENTE] o peixe cair’.  
 \*‘o homem fez o peixe [cair LENTAMENTE]’.
- (25) wanuna **hi kanuna** a-w-is-i nhlampfi.  
 homem **lentamente** 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe.  
 ‘o homem [fez LENTAMENTE] o peixe cair’.  
 \*‘o homem fez o peixe [cair LENTAMENTE]’.
- (26) **hi kunana** wanuna a-w-is-i nhlampfi.  
**lentamente** homem 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe.  
 ‘o homem [fez LENTAMENTE] o peixe cair’.  
 \*‘o homem fez o peixe [cair LENTAMENTE]’.

As evidências empíricas mostradas acima nos permitem, portanto, lançar a hipótese de que o núcleo Cause<sup>o</sup> seleciona como complemento uma raiz, e não um VP, como a princípio poderíamos supor. Mais precisamente, o fato de não haver a possibilidade de modificação do evento causado por meio do advérbio de modo ‘lentamente’ nos serve, assim, de forte evidência a favor da hipótese de que não há uma estrutura VP ou v\*P fásico como complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> nas sentenças acima.

Outra evidência a favor dessa hipótese advém de advérbios orientados para agente. Nesses contextos, o advérbio só pode ter escopo orientado ao argumento externo agente, conforme fica evidente pelos dados a seguir:

- (27) wanuna a-w-is-i nhlampfi **hi mavomu.**  
 homem 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe **de propósito.**  
 ‘o homem [fez DE PROPÓSITO] o peixe cair’.  
 \*‘o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]’.
- (28) wanuna **hi mavomu** a-w-is-i nhlampfi.  
 homem **de propósito** 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe.  
 ‘o homem [fez DE PROPÓSITO] o peixe cair’.  
 \*‘o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]’.
- (29) **hi mavomu** wanuna a-w-is-i nhlampfi.  
**de propósito** homem 3SG-cair-CAUS-PAST 9-peixe.  
 ‘o homem [fez DE PROPÓSITO] o peixe cair’.  
 \*‘o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]’.

Conforme mostram os dados acima, o advérbio *hi mavomu* ‘de propósito’ pode ocorrer em várias posições nas sentenças causativas, visto que pode vir antes do sujeito, entre o sujeito e o verbo e ainda após o objeto. Outra constatação é a de que esse

advérbio pode única e exclusivamente ter escopo sobre o sujeito da sentença *wanuna* 'homem'.

Observando que o advérbio orientado para agente poderia não ter escopo sobre *nhlampfi* 'peixe' por uma possível interação com o traço [+humano], refizemos os testes trocando o objeto por *ntrongwane* 'criança', e repetimos os testes com *hi mavomu* 'de propósito'. Ainda assim, a mudança na posição do advérbio não interferiu na interpretação da sentença, que permaneceu sempre a mesma, visto que o escopo do advérbio *hi mavomu* 'de propósito' sempre atua sobre o DP *wanuna* 'homem'.

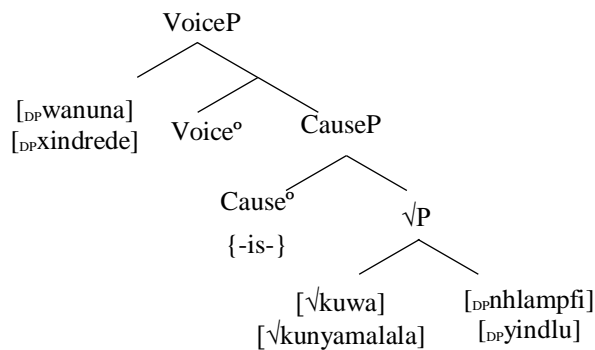
- (30) *wanuna*      *a-w-is-i*                      *ntrongwane*.  
 homem          3SG-cair-CAUS-PAST   1-criança  
 'o homem fez cair a criança'.
- (31) **hi mavomu**              *wanuna*      *a-w-is-i*                      *ntrongwane*.  
**de propósito**              homem          3SG-cair-CAUS-PAST   1-criança  
 'o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair'.  
 \*'o homem fez a criança [cair DE PROPÓSITO]'.
- (32) *wanuna*              **hi mavomu**                      *a-w-is-i*                      *ntrongwane*.  
 homem              **de propósito**                      3SG-cair-CAUS-PAST   1-criança  
 'o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair'.  
 \*'o homem fez a criança [cair DE PROPÓSITO]'.
- (33) *wanuna*      *a-w-is-i*                      **hi mavomu**                      *ntrongwane*.  
 homem          3SG-cair-CAUS-PAST   **de propósito**                      1-criança  
 'o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair'.  
 \*'o homem fez o peixe [cair DE PROPÓSITO]'.
- (34) *wanuna*      *a-w-is-i*                      *ntrongwane*      **hi mavomu**.  
 homem          3SG-cair-CAUS-PAST   1-criança      **de propósito**.  
 'o homem [fez DE PROPÓSITO] a criança cair'.  
 \*'o homem fez a criança [cair DE PROPÓSITO]'.

Os dados acima demonstram que de fato há apenas um núcleo  $v^0$  nas estruturas, não havendo, portanto, recursividade de  $vP$ s, o que nos permite assumir que o advérbio *hi mavomu* pode se adjungir a esse  $vP$ , que é projetado em posição mais alta na estrutura sintática. Tendo por base esse fato, rejeitamos a análise de que o núcleo Cause dessas construções toma como complemento um  $v^*P$  fásico.

Diante disso, a justificativa apresentada por Pylkkänen (2008), retomada também por Blanco (2011), é de que os núcleos de CauseP em sentenças causativas com base em estruturas verbais inacusativas selecionam como complemento não um VP, mas sim uma projeção formada a partir de uma raiz acategorial  $\sqrt{P}$ . A derivação

sinfática a seguir mostra a estrutura das causativas morfolgicas formadas a partir de verbos inacusativos.

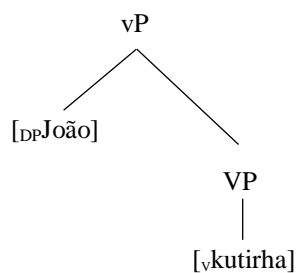
(35) Estrutura da causativização de verbos inacusativos:



### 3. Causativas morfolgicas a partir de verbos inergativos

Assim como os verbos inacusativos, os verbos inergativos tam bém podem ser causativizados por meio da extensão causativa {-is}. A diferença principal entre eles está no fato de que, em vez de um argumento interno, os verbos inergativos selecionam apenas um argumento externo, que em geral apresenta a propriedade semântica de agente.

(36)



Interessa-nos agora averiguar se o núcleo Cause° de verbos inergativos causativizados possuem ou não a mesma representação sinfática apresentada para as causativas formadas a partir de verbo inacusativos. Conforme veremos mais adiante, a proposta que defendemos é a de que o núcleo Cause de verbos inergativos causativizados não selecionam um complemento raiz, mas uma estrutura do tamanho de um VP. Para validar essa proposta, comecemos com a análise das sentenças abaixo:



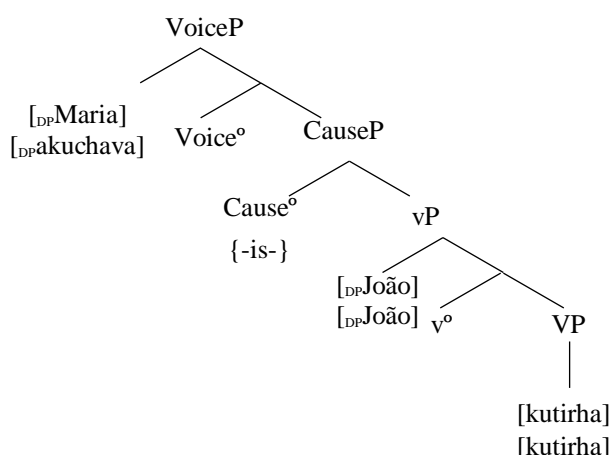
- (37) João w-atirh-a.  
João 3SG-trabalhar-VF.  
'João trabalha'.
- (38) Maria a-tirh-is-i João.  
Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.  
'Maria fez João trabalhar'.
- (39) aku-chava ku-tirh-is-i João.  
15-medo 15-trabalhar-CAUS-PAST João.  
'O medo fez João trabalhar'.

O verbo *kutirha*, apresentado em sua forma não derivada em (37), pode ser causativizado a partir da adição de um argumento na estrutura, concomitante com a presença do morfema {-is-} no complexo verbal, conforme demonstrado em (38) e (39). A concatenação do morfema {-is-} nas sentenças acima indica causação, ou seja, os novos argumentos das estruturas, Maria e *akuchava* 'medo', passam a ser a causa que desencadeiam o evento representado por João trabalhar. Nota-se que o morfema {-is-} é obrigatório, já que sua ausência gera agramaticalidade, conforme ilustram os dados a seguir:

- (40) \*Maria a-tirh-i João.  
Maria 3SG-trabalhar-PAST João.
- (41) \*aku-chava ku-tirh-i João.  
15-medo 15-trabalhar-PAST João.

Inicialmente, poderíamos postular que a representação abstrata dessas estruturas seria como a dada em (42), semelhante à estrutura comum de um verbo inergativo sendo complemento de um núcleo Cause<sup>o</sup>.

(42) Estrutura da causativização de verbos inergativo (a ser reformulada):



Tendo em conta os dados acima, testamos o escopo do advérbio de modo *hi kunana*, de maneira a avaliar se sua presença em diferentes pontos na sentença altera o significado da sentença ou não. Comparem-se as sentenças a seguir:

- (43) Maria a-tirh-is-i João **hi kunana.**  
 Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João **lentamente.**  
 ?‘Maria [fez LENTAMENTE] João trabalhar’.  
 ‘Maria fez João [trabalhar LENTAMENTE]’.
- (44) Maria **hi kunana** a-tirh-is-i João.  
 Maria **lentamente** 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.  
 ‘Maria [fez LENTAMENTE] João trabalhar’.  
 ?‘Maria fez João [trabalhar LENTAMENTE]’.
- (45) **hi kunana** Maria a-tirh-is-i João.  
**lentamente** Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.  
 ‘Maria [fez LENTAMENTE] João trabalhar’.  
 ?‘Maria fez João [trabalhar LENTAMENTE]’.

Diferentemente do que ocorreu com o verbo inacusativo *kuwa* ‘cair’, em que o advérbio de modo manteve escopo somente sobre o evento da causação, o advérbio de modo nas sentenças acima possui diferentes leituras de escopo, a depender de sua posição linear na sentença.

No dado em (43), por exemplo, o advérbio *hi kunana* ‘lentamente’ tem escopo apenas sobre o evento causado, ou seja, possui escopo baixo. Diferentemente, nas sentenças em (44) e (45), o advérbio *hi kunana* ‘lentamente’ tem escopo sobre o evento da causação (escopo alto). O fato de, em (43), o advérbio ter escopo sobre o evento causado, demonstra que há alguma estrutura abaixo do núcleo  $\text{Cause}^\circ$  que permite a

adjunção de um advérbio de modo. A próxima etapa é testar se essa estrutura é um VP ou um  $v^*P$ , nos termos de Pylkkänen (2008).

Para tal, avaliamos o escopo de advérbio orientado para agente, como por exemplo o advérbio *hi mavomu* ‘de propósito’. A previsão é a de que, caso haja ambiguidade, teremos uma estrutura com  $vP$  fásico, o que significa que teremos a projeção de argumento externo com a propriedade de agente como complemento de Cause<sup>o</sup>, capaz de ser modificado por um advérbio orientado para agente. Caso essa ambiguidade não seja atestada, o complemento do núcleo  $v^o$  não apresentará uma estrutura fásica, mas sim uma estrutura simples com VP. Testamos sentenças com esse advérbio posicionado ao final da estrutura (46), entre o sujeito e o verbo (47) e na posição inicial da sentença (48). Para tal, comparem-se os exemplos a seguir:

- (46) Maria a-tirh-is-i João **hi mavomu**.  
 Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João **de propósito**.  
 ‘Maria [fez DE PROPÓSITO] João trabalhar’.  
 \*‘Maria fez João [trabalhar DE PROPÓSITO]’.
- (47) Maria **hi mavomu** a-tirh-is-i João.  
 Maria **de propósito** 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.  
 ‘Maria [fez DE PROPÓSITO] João trabalhar’.  
 \*‘Maria fez João [trabalhar DE PROPÓSITO]’.
- (48) **hi mavomu** Maria a-tirh-is-i João.  
**de propósito** Maria 3SG-trabalhar-CAUS-PAST João.  
 ‘Maria [fez DE PROPÓSITO] João trabalhar’.  
 \*‘Maria fez João [trabalhar DE PROPÓSITO]’.

Tendo em conta os exemplos acima, é possível notar que, mesmo com a mudança de posição do advérbio *hi mavomu* orientado para agente, o único escopo possível que esse advérbio mantém é com o argumento externo Maria, o qual é introduzido pelo núcleo Voice da estrutura mais alta.

Observando que a estrutura do verbo inergativo possui um argumento externo (João) e, quando causativizada, um novo argumento externo é adicionado à sua representação (Maria), é necessário explicar o motivo pelo qual o advérbio orientado para agente possui escopo sobre o argumento externo mais alto na estrutura. Ou seja, a conclusão a que chegamos é a de que é impossível que o advérbio seja concatenado abaixo de Cause<sup>o</sup>.

Pylkkänen (2008, p. 115, 116) argumenta que as estruturas inergativas causativizadas em línguas como no Bemba e no Finlandês possuem um núcleo Cause<sup>o</sup>

que selecionam como complemento um VP. A autora mostra que, nessas construções, os advérbios de modo podem ter escopo sobre o evento causado, já que estes se adjungem a VP. Contudo, o advérbio orientado para o DP agente só pode ter escopo acima de Cause<sup>o</sup>, ou seja, sobre o evento de causação. É exatamente esse o comportamento que observamos nos dados do Xizronga nas causativas de verbos inergativos.

Evidência adicional vem da possibilidade de haver a coocorrência de advérbios de agente e de modo na mesma sentença. Note que o advérbio orientado para agente *hi mavomu* ‘de propósito’ pode ter escopo sobre o argumento mais alto, mas não sobre o argumento causee. Em contrapartida, o advérbio de modo *hi kunana* ‘lentamente’, quando ocupa a posição final da sentença, possui escopo sobre o argumento mais baixo, conforme mostra o exemplo em (49):

- (49) Maria            **hi mavomu**            a-tirh-is-i  
 Maria            **de propósito**            3SG-trabalhar-CAUS-PAST

João **hi kunana.**

João **lentamente.**

‘Maria de propósito fez João trabalhar lentamente’.

(escopo do advérbio de propósito sobre Maria e lentamente sobre João).

Ao invertermos a posição dos advérbios na sentença, o advérbio orientado para agente continua tendo somente escopo sobre o argumento que ocupa a posição mais alta na sentença. Já o advérbio de modo passa a ter escopo alto e baixo. A interpretação de escopo alto é confirmada pela interpretação dada à sentença em (50), a seguir:

- (50) Maria            **hi kunana** a-tirh-is-i  
 Maria            **lentamente** 3SG-trabalhar-CAUS-PAST

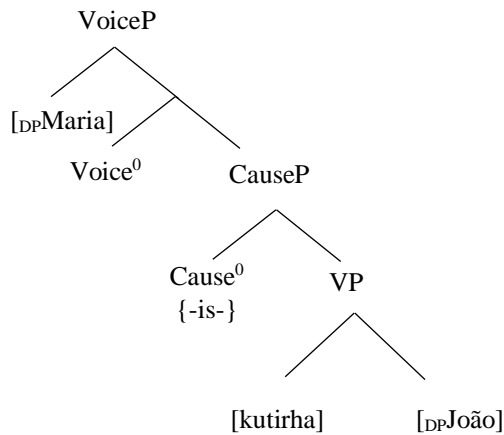
João **hi mavomu.**

João **de propósito.**

‘Maria, lentamente e de propósito, fez João trabalhar’.

Assim, a partir dos testes de escopo de advérbio com interpretação de escopo baixo e alto, propomos que a estrutura abstrata das sentenças causativas, formadas a partir de verbos inergativos, constitui-se de um núcleo Cause<sup>o</sup> que seleciona apenas um VP como complemento, conforme a estrutura sintática abstrata proposta em (51):

(51)



#### 4. Causativas morfológicas a partir de verbos transitivos

Em relação à causativização de verbos transitivos, é preciso distinguirmos os verbos que já possuem uma leitura causativa, tal como *quebrar*, de verbos que não possuem essa leitura, como *comer*. No caso dos verbos que não possuem leitura causativa, {-is-} introduz uma leitura de causação e também permite a introdução de um novo argumento na sentença. Além disso, {-is-} é obrigatório quando essas orações são causativizadas. Exemplos são fornecidos a seguir:

(52) a. mu-dondri            a-ler-i            buku.  
 1-aluno                    3SG-ler-PAST    livro.  
 ‘O aluno leu o livro’.

b. mu-dondris-i            a-ler-**is**-i            buku mu-dondri.  
 1-professor-PAST        3SG-ler-**CAUS**-PAST    livro    1-aluno-PAST.  
 ‘professor fez o aluno ler o livro’.

(53) a. mamana            a-hlamps-i            mpahla  
 mãe                    3SG-lavar-PAST        roupa  
 ‘a mãe lavou a roupa’

b. mamana            a-hlamps-**is**-i            mpahla            n'wana  
 mãe                    3SG-lavar-**CAUS**-PAST        roupa            filho  
 ‘a mãe fez o filho lavar a roupa’

(54) a. n-trongwana            a-d-i            wusva            hinkwadru.  
 1-criança                    3SG-comer-PAST        xima            toda  
 ‘a criança comeu toda a xima<sup>5</sup>’

<sup>5</sup> Espécie de massa feita com farinha branca de milho, muito usual na alimentação dos moçambicanos.

b. mamana a-d-**is**-i n-trongwana wusva hinkwadru.  
 1-mãe 3SG-comer-CAUS-PAST 1-criança xima toda  
 A mãe fez a criança comer toda a xima.

(55) a. Pedro a-dezenyar-i  
 Pedro 3SG-desenhou-PAST  
  
 xi-fanisu xa wansati wa-ke.  
 7-retrato GEN 1.mulher 1-POSS.  
 ‘Pedro desenhou o retrato da mulher’.

b. wansati a-dezenyar-**is**-i Pedro  
 mulher 3SG-desenhar-CAUS-PAST Pedro  
  
 xifanisu xa wansati wa-ke.  
 retrato GEN mulher 1-POSS.  
 ‘A mulher fez Pedro desenhar seu retrato.’

(56) a. mbzana yi-suk-i hi kaya.  
 9-cão 9-sair-PAST LOC casa.  
 ‘o cão saiu da casa’.

b. wanuna a-suk-is-i mbzana hi kaya.  
 Homem 3SG-sair-CAUS-past 9-cão LOC casa.  
 ‘o homem fez o cão sair da casa’.

(57) a. João a-chav-a n-gonyama.  
 João 3SG-temer-VF 9-leão  
 ‘João teme o leão’

b. n-gonyama yi-chav-**is**-a João.  
 9-leão 9-temer-CAUS-VF João  
 ‘O leão amedronta (lit. faz temer) João’

Os exemplos apresentados acima demonstram a produtividade do morfema causativo {-is-}, que pode se juntar a raízes de verbos de diferentes tipos, a saber: verbos de atividade, como em (52) e (53), verbos de *accomplishment*, como (54) e (55), com verbos de *achievement* (56) e com verbos psicológicos (estativos) como em (57).

Com base nessas observações, notamos que o morfema {-is-} é produtivo na medida em que introduz a noção de causação a verbos que não possuem uma leitura causativa em sua forma base. Quanto aos verbos que já possuem uma leitura causativa lexical, nota-se que essas estruturas não possuem o morfema {-is-}. Assim, existem sentenças como (58), em que o verbo *kupandra* ‘quebrar’ aparece em uma sentença transitiva sem o morfema causativo. Contudo, (59) também é possível, em que o verbo é acompanhado do morfema causativo {-is-}.

- (58) wanuna a-pandr-i Ø-vhazu.  
 homem 3SG-rachar-PAST 5-vaso.  
 ‘o homem quebrou o vaso’.
- (59) wanuna a-pandr-**is**-i Ø-vhazu.  
 homem 3SG-rachar-**CAUS**-PAST 5-vaso.  
 ‘o homem fez quebrar o vaso’.

No dado apresentado em (58), o verbo transitivo *kupandra* ‘quebrar’ seleciona seu argumento interno, sem que haja o morfema {-is-} na estrutura. A interpretação da sentença é de que o homem é o sujeito agente do evento expresso pelo verbo. De acordo com Cançado (2008, p. 111), o agente é "o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle". Ou seja, a interpretação de (58) é a de que *wanuna* ‘homem’ possui agentividade, controle e/ou volição em relação ao evento *kupandra* ‘quebrar’. Por outro lado, a presença de {-is-}, em (59), distancia a participação de *wanuna* ‘homem’, de forma que esse elemento desencadeia o evento de *kupandra* ‘quebrar’, mas não diretamente, sendo então interpretado como uma causa. Para Cançado (2008, p. 111), a causa é o "desencadeador de alguma ação, sem controle". Dessa maneira, *wanuna* ‘homem’ em (59) pode ter quebrado o vaso sem intenção, ou pode também ter feito com que outro elemento (outra pessoa, um instrumento, alguma outra ação) quebrasse o vaso.<sup>6</sup>

Além de contribuir para a interpretação semântica da sentença, o morfema {-is-} também permite a adição de mais um argumento em sentenças transitivas, como no exemplo em (60). Conforme esperado, a ausência do morfema nesses contextos é agramatical (61).

- (60) n’wana a-pandr-**is**-i wanuna Ø-vhazu.  
 filho 3SG-quebrar-**CAUS**-PAST homem 5-vaso.  
 ‘o filho fez o homem quebrar o vaso’.
- (61) \*n’wana a-pandr-i wanuna Ø-vhazu.  
 filho 3SG-quebrar-PAST homem 5-vaso.  
 ‘o filho fez o homem quebrar o vaso’.

Com o objetivo de atestar qual é o tamanho do complemento que o núcleo Cause<sup>o</sup> seleciona em construções transitivas em que há o morfema {-is-}, realizamos os testes com advérbios orientados para agente e os testes com advérbios de modo com

<sup>6</sup> Inicialmente, acreditamos que distinção semântica entre (52) e (53) esteja relacionada com a presença do traço [±controle]. Contudo, deixaremos essa questão para análises futuras.

modificação abaixo de VP. Comparem-se os exemplos com o advérbio de modo *hi kunana* 'lentamente' em (62)-(66), a seguir:

- (62) n'wana a-pandr-is-i wanuna  
filho 3SG-rachar-CAUS-PAST homem
- Ø-vhazu **hi kunana.**  
5-vaso **lentamente.**  
\*‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.  
‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.
- (63) n'wana a-pandr-is-i wanuna  
filho 3SG-rachar-CAUS-PAST homem
- hi kunana** Ø-vhazu.  
**lentamente** 5-vaso.  
\*‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.  
‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.
- (64) n'wana a-pandr-is-i **hi kunana**  
filho 3SG-rachar-CAUS-PAST lentamente
- wanuna Ø-vhazu.  
homem 5-vaso.  
‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.  
\*‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.
- (65) n'wana **hi kunana** a-pandr-is-i  
filho **lentamente** 3SG-rachar-CAUS-PAST
- wanuna Ø-vhazu.  
homem 5-vaso.  
‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.  
\*‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.
- (66) **hi kunana** n'wana a-pandr-is-i  
**lentamente** filho 3SG-rachar-CAUS-PAST
- wanuna Ø-vhazu.  
homem 5-vaso.  
‘O filho [fez LENTAMENTE] o homem quebrar o vaso’.  
\*‘O filho fez o homem [quebrar LENTAMENTE] o vaso’.

Reparamos que há cinco posições possíveis para a adjunção do advérbio *hi kunana* 'devagar', que são: ao final da sentença (62), entre o causee e o argumento interno (63), imediatamente após o verbo (64), entre o causer e o verbo (65) e antes do



causer (66). Essas posições interferem diretamente na interpretação das sentenças, de forma que em (62) e (63), o evento modificado pelo advérbio é o evento causado, ou seja, o vaso se quebrar, enquanto em (64), (65) e (66), o evento modificado pelo advérbio é o da causação, isto é, o filho causar quebrar.

Esse teste indica, por conseguinte, que o complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> é maior do que uma raiz e maior que um VP, já que há a possibilidade de modificação tanto do evento causado quanto do evento causador, o que atesta que há alguma projeção interveniente (tal como um VP ou um v\*P fásico) entre o núcleo causativo e a raiz, capaz de hospedar o advérbio.

Para distinguir, então, se o complemento é um VP sem argumento externo ou um v\*P fásico, é necessário que realizemos os testes com advérbios orientados para agente. Dessa maneira, conseguiremos atestar se há na estrutura mais de uma projeção que possui um argumento externo capaz de ser modificado por um advérbio orientado para agente (uma fase) ou não. Fizemos, então, o teste com *hi mavomu* ‘de propósito’, conforme os dados a seguir, em (67)-(71):

(67) n’wana            a-pandr-is-i            wanuna  
filho                    3SG-rachar-CAUS-PAST            homem

Ø-vhazu            **hi mavomu.**  
5-vaso                **de propósito.**  
‘O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso’.  
‘O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso’.

(68) n’wana            a-pandr-is-i            wanuna  
filho                    3SG-rachar-CAUS-PAST            homem

**hi mavomu**            Ø-vhazu.  
**de propósito**            5-vaso.  
‘O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso’.  
‘O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso’.

(69) n’wana            a-pandr-is-i            **hi mavomu**  
filho                    3SG-rachar-CAUS-PAST            de propósito

wanuna            Ø-vhazu.  
homem            5-vaso.  
‘O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso’.  
\*‘O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso’.

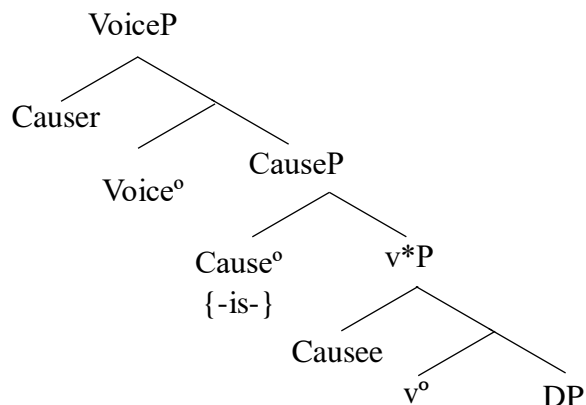
- (70) n'wana            **hi mavomu**            a-pandr-is-i  
 filho                **de propósito**            3SG-rachar-CAUS-PAST
- wanuna            Ø-vhazu.  
 homem            5-vaso.  
 'O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso'.  
 \*'O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso'.
- (71) **hi mavomu**            n'wana            a-pandr-is-i.  
**de propósito**            filho            3SG-rachar-CAUS-PAST
- wanuna            Ø-vhazu.  
 homem            5-vaso.  
 'O filho [fez DE PROPÓSITO] o homem quebrar o vaso'.  
 \*'O filho fez o homem [quebrar DE PROPÓSITO] o vaso'.

Constatamos que, assim como nos exemplos com o advérbio de modo, também o advérbio orientado para agente *hi kunana* 'de propósito' pode ocupar cinco posições diferentes, a saber: ao final da sentença (67), entre o causee e o argumento interno (68), imediatamente após o verbo (69), entre o causer e o verbo (70) e antes do causer (71). Aqui, diferentemente com o que ocorre com verbos intransitivos (inacusativos e inergativos), essas posições interferem diretamente no escopo do advérbio.

Nas sentenças (67) e (68), ambas as leituras são possíveis: a leitura em que o escopo do advérbio recai sobre o argumento mais alto *n'wana* 'filho' e a leitura em que o advérbio tem escopo sobre o causee *wanuna* 'homem'.<sup>7</sup> Esse teste indica que há, na sentença, dois argumentos externos que podem ser modificados por advérbios orientados para agente, ou seja, que estão em posições sintáticas distintas. Acompanhando a proposta de Pylkkänen (2008), assumiremos que o complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> de sentenças com verbos transitivos, que possuem o morfema {-is-}, consiste em um v\*P fásico, ou seja, uma estrutura com um argumento externo capaz de ser modificado por um advérbio orientado para agente. Tomando por base essas evidências de natureza empírica, uma hipótese bastante plausível é assumirmos que a estrutura sintática abstrata de sentenças transitivas causativizadas com o morfema {-is-}, em Zronga, dever ter a representação arbórea delineada em (72) a seguir:

<sup>7</sup> Em um primeiro momento, os consultores identificaram todas as sentenças acima contendo o mesmo significado, ou seja, que o advérbio *hi mavomu* 'de propósito' recaía sobre *n'wana* 'filho'. Quando lhes foi apresentado um contexto de que o filho poderia ter manipulado o pai, de forma que o convencesse a quebrar o vaso, então as sentenças em (67) e (68) foram indicadas e aceitas com a interpretação do advérbio recaindo sobre *wanuna* 'homem'.

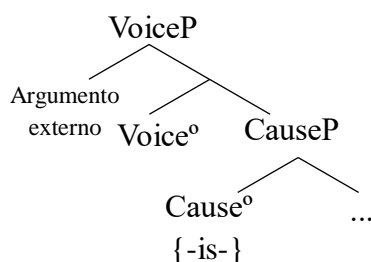
(72)



## 5. Considerações Finais

O estudo realizado neste artigo nos permite propor que as estruturas causativas morfológicas em Zronga se realizam por meio da extensão verbal causativa, marcada pelo morfema {-is-}. Essa extensão verbal é capaz de introduzir a ideia de causação a verbos que não possuem a leitura inerentemente causativa. Dessa forma, possibilita a introdução de um elemento causador à sentença. Quando se liga a verbos inerentemente causativos, introduzem outro elemento causador. Assim, ficamos em condições de propor que o núcleo Cause° se realiza por meio deste morfema, conforme indica a representação sintática abaixo:

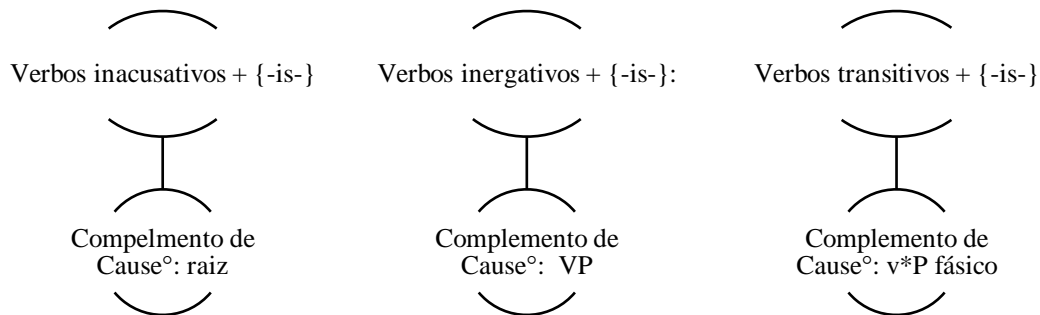
(73)



A análise pôde ainda delimitar os diferentes tipos de estrutura que o núcleo Cause° c-seleciona<sup>8</sup>. Assim sendo, tomando por base os testes de escopo dos advérbios de modo e orientado a agente, chegamos à conclusão de que o núcleo Cause° em Xizronga pode selecionar uma raiz, um VP ou ainda um *v*P fasico. Uma ou outra

<sup>8</sup> Remetemos o leitor à análise de Duarte, Da Câmara e Valias (2017) sobre as propriedades morfosintáticas das causativas em outra língua bantu. Trata-se da língua Nyungue, falada na província de Tête. Nessa língua, o núcleo Cause° também permite a seleção de vários tipos de complementos.

situação dependerá se o verbo causativizado for inacusativo, inergativo ou transitivo. Em suma, essas possibilidades gramaticais podem ser formalizadas por meio da Figura 1, a seguir:



**Figura 1:** Complemento de CauseP em Xizronga

## Referências

- BLANCO, Mercedes T. *Causatives in Minimalism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. 315p.
- BOSTOEN, Koen; MUNDEKE, León. The causative/applicative syncretism in Mbuun (Bantu B87, DRC): Semantic split or phonemic merger? *Journal of African Languages and Linguistics*, v. 32, n. 2, p. 29, 2011.
- CÂMARA, C. As Implicações Sintáticas da Co-ocorrência das extensões Causativa e Aplicativa em Cinyungwe à luz do Princípio de Espelho. In: NGUNGA, A. (ed.). *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM, 2014.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CHEBANNE, Andy M. Intersuffixing in Setswana: the case of the perfective –ile, the applicative –ela, and the causative –isa, Pula: *Botswana Journal of African Studies*, v. 10 n. 2, p. 83-94, 1996.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge (MA): MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. Three factors in language design. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 1, 2005, p. 1-22.
- COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: Syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

DUARTE, Fábio Bonfim; DA CÂMARA, Crisofia. Langa; VALIAS, Tânia Diniz Ottoni. Análise das estruturas causativas bieventivas em Nyungwe. *PAPIA*, São Paulo, n. 27, v. 1, p. 135-163, jan./jun. 2017.

GOOD, Jeff. Reconstructing morpheme order in Bantu: The case of causativization and applicativization. *Diachronica*, v. 22, n. 1, p. 3-57, 2005.

GUTHRIE, Malcolm. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. Letchworth UK & Brookfield VT: Gregg International, 1967/71.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (Org.). *The view from building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993.

KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie (Ed.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

LARSON, Richard K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, p. 335-391. 1988.

LEGATE, Julie Anne. *Voice and v: lessons from Acehnese*. Massachusetts/London: The MIT Press, 2014.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

SITOE, Bento; DIMANDE, Ernesto Mario. Haverá artigo definido em Ronga? *Caletroscópio*, v. 5, n. 8, jan-jun. 2017. Disponível em: <https://www.caletroscopio.ufop.br/index.php/caletroscopio/article/view/239>. Acesso em: 24 jul. 2019.